



Análise da crise estrutural do capital à luz de István Mészáros³

Resumo

O objetivo deste trabalho é apresentar as contribuições de István Mészáros, um dos mais importantes intelectuais marxistas da atualidade, sobre a análise da crise inédita do capital, definida como uma crise de natureza estrutural, destacando os conceitos de riqueza, produção destrutiva e reorientação socialista. Para a realização deste artigo nos baseamos na obra Para além do Capital em que o autor desenvolve um exame rigoroso e crítico sobre o processo de produção de riquezas e os limites estruturais do sistema do capital.

Palavras-chave: crise estrutural do capital, produção de riquezas, socialismo.

Abstract

An analysis of capitalism from István Mészáros viewpoint

The article focuses upon an analysis of the structural crisis of the capitalist system as presented by István Mészáros, one of the most important Marxist intellectuals of our times. The author points out the concepts of wealth, destructive production and socialist reorientation. The study was based on the book Beyond Capital, in which Mészáros rigorously examines the wealth production process, as well as the structural limits of capitalism.

Keywords: structural crisis of the capital, weath production, socialism.

¹ Professora da Universidade Federal do Ceará (UFC) e Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: jacklinerabelo@terra.com.br

² Professora da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Doutoranda em Educação Brasileira na Universidade Federal do Ceará. E-mail: mendessegundo@uol.com.br

³ Este artigo resulta dos estudos realizados dentro da programação de revisão bibliográfica da linha de pesquisa *Trabalho e formação docente do pedagogo*, vinculada ao Projeto de Pesquisa Trabalho, Educação e Luta de Classes do Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário – IMO da Universidade Estadual do Ceará, reconhecido pela CAPES.

Na obra '*Para Além do Capital*' (2002) István Mészáros⁴ desenvolve uma análise sobre a crise estrutural do capital, propondo, em contrapartida, a afirmação da produtividade do valor de uso em função das necessidades humanas, só é possível em uma nova sociabilidade, radicalmente diferente da atual que vem historicamente priorizando a produção de riqueza como finalidade da acumulação do capital.

István Mészáros explica o atual momento do capitalismo caracterizando-o por produção destrutiva e de precarização do trabalho. Assim, inspirado em Marx, Mészáros elabora, no conjunto de sua obra, profundas reflexões críticas sobre esse sistema e suas formas de controle social, definidas como mecanismos de *funcionamento sociometabólico* do capital.

Nesses termos, Mészáros entende que o advento do capitalismo altera o processo de produção do mundo antigo, que tinha por finalidade, em alguma medida, satisfazer as necessidades humanas e o subordina ao interesse de auto-realização ampliada do capital, destinado exclusivamente à troca. Dessa forma, o modo de produção capitalista rompe com as práticas produtivas do mundo antigo.

No capitalismo, o homem se torna objeto, tornando a produção de riqueza a finalidade da humanidade⁵. Para alcançar essa finalidade, foi necessário separar o valor de uso do valor de troca. De acordo com o autor, o grande segredo da dinâmica do capital foi a disjunção entre necessidade e produção de riqueza, orientada para o valor de troca, independente dos limites das necessidades genuinamente humanas. Em suas palavras, "o capital estava orientado para a produção e a reprodução ampliada do valor de troca" (MÉSZÁROS, 2002, p.605).

A respeito desse propósito Mészáros (idem, p.606) acrescenta: a organização e a divisão do trabalho tinham que ser fundamentalmente diferentes em sociedades nas quais o valor-de-uso e as necessidades exerciam as funções reguladoras decisivas.

Esse traço marca o caráter historicamente excepcional do capitalismo, em que se estabe-

lece a separação entre os meios de produção e o trabalho assalariado, a partir de dois aspectos interligados:

1) O sistema capitalista de produção e distribuição teve, primeiramente, no curso do seu desdobramento histórico, que subjugar as várias determinações naturais espontâneas aos imperativos materiais do seu próprio funcionamento.

2) O capitalismo consiste na separação posta na relação entre trabalho assalariado e o capital, negando o sentido ontológico do trabalho enquanto interação eterna do homem com a natureza⁶ (idem, 2002, p. 608).

Segundo os defensores desse modo de produção, o distanciamento entre o homem e as condições naturais e inorgânicas constitui um pressuposto do próprio modo operante do metabolismo do capital, compreendido como um postulado que emana da inalterada natureza humana.

Em contraposição, Mészáros fala da reconstrução da unidade entre as condições orgânicas e inorgânicas, que há muito tempo foi perdida. No entanto, esta unidade não se dá mais no peso da escassez, inicialmente natural, mas é causada pelos homens de forma paradoxal e assistida.

Acrescenta que a interação criativa do homem com a natureza não é um desafio tecnológico, mas social. Esta interação deve ser destinada não mais para uma minoria do poder e nem para o atendimento da demanda alienante da mercadoria, mas em função do atendimento das necessidades da humanidade.

O desenvolvimento do capital impôs à humanidade a produção da riqueza que tudo absorve, e na qual desaparece o caráter real da riqueza, sendo substituída por uma concepção reificada em que as relações são igualmente fetichizadas. A concepção de riqueza se baseia, portanto, na valorização material pela definição do conceito de propriedade, passando a ser identificada como uma mercadoria produzida exclu-

⁴ István Mészáros nasceu em Budapeste, Hungria em 1930. Quando cursou filosofia tornou-se discípulo de Georg Lukács. Professor Emérito na Universidade de Sussex, na Inglaterra, é autor de importantes livros, dentre os quais: *Para além do capital* e *O Século XXI: Socialismo ou barbárie?* Publicados no Brasil em 2002 e 2003, respectivamente.

⁵ Segundo Carconhlo (1993, p.3) "todo valor é riqueza, mas nem toda riqueza é valor. A riqueza é uma categoria ontológica, está presente em todas as formas históricas. No capitalismo se transforma em valor e não-valor".

⁶ MARX, Karl. *O Capital*, 1982, p. 58.

sivamente para a troca. O trabalho humano torna-se mercadoria, consumida pelo capitalista, com objetivo de produção e acumulação de riquezas. Para Mészáros (idem, p. 610), a reprodução capitalista se fundamenta: “no trabalho acumulado, objetivado, alienado que assume a forma de ativos do capital legalmente protegidos e de valor de troca sempre em expansão”. O autor explica que,

Sob o comando do capital, o sujeito que trabalha não mais pode considerar as condições de sua produção e reprodução como *sua própria propriedade*. Elas não mais são os pressupostos auto-evidentes e socialmente salvaguardados do seu ser, nem os pressupostos naturais do seu eu como constitutivos da “extensão externa de seu corpo”. Ao contrário, elas agora pertencem a um “ser estranho”, reificado, que confronta os produtores com suas próprias demandas e os subjugam aos imperativos materiais de sua própria constituição. Assim, a relação original entre sujeito e o objeto da atividade produtiva é completamente subvertida, reduzindo o ser humano ao status desumanizado de uma mera “condição material de produção”. O “ter” domina o “ser” em todas as esferas da vida (MÉSZÁROS, 2002, p. 611)

Embora Mészáros reconheça que as perspectivas da emancipação humana são inseparáveis do avanço da produtividade historicamente viável, adverte que, em um estágio de produção generalizada da mercadoria, o fetichismo da quantificação domina completamente a dimensão qualitativa no processo de produção. Esse modo particular de reprodução é sobrecarregado por uma contradição, por um fim explosivo, que transforma as potencialidades das forças produtivas em realidades destrutivas, alocando uma porção cada vez maior da riqueza social para a produção do desperdício institucionalizado.

Dentro da lógica do capital, as necessidades de existência da humanidade são postas em último e inatingível plano. O que interessa são as necessidades de reprodução e acumulação do capital. A possibilidade de um movimento socialista, radicalmente re-articulado, deve pautar-se na perspectiva de emancipação humana, no qual o sujeito poderia ser reconhecido em sua totalidade e a riqueza da produção é realizada

em função das necessidades dos produtores associados livremente. Mészáros (2003) advoga que este é o grande desafio histórico do futuro da humanidade.

A produção ou é conscientemente controlada pelos produtores associados a serviço de suas necessidades, ou os controla impondo-os seus próprios imperativos estruturais como premissas da prática social da quais não se pode escapar. Portanto, apenas a auto-realização por meio da riqueza da produção (e não pela produção da riqueza alienante e reificada), como a finalidade da atividade-vital dos indivíduos sociais, pode oferecer uma alternativa viável à cega espontaneidade auto-reprodutiva do capital e suas conseqüências destrutivas. Isto significa a produção e a realização de todas as potencialidades criativas humanas, assim como a reprodução continuada das condições intelectuais e materiais de intercâmbio social (MÉSZÁROS, 2002, p. 613).

Nesse contexto, a grande preocupação de Mészáros é levantar questões de como tornar novamente o ser humano a finalidade da produção. Para ele, o avanço histórico, representado pelo capitalismo, é um retrocesso real se considerado em relação ao seu impacto na dialética da necessidade e da produtividade, isto porque não remove apenas determinações orientadas para as necessidades, mas também inviabiliza o controle das tendências destrutivas que emergem da expansão quantitativa e ilimitada do capital. Assim, devido ao próprio movimento do capital, não há qualquer possibilidade de o capitalista direcionar a produção de riqueza para o atendimento das verdadeiras e dignas necessidades humanas. Este é o seu limite estrutural. A superação desse limite só pode acontecer quando a relação entre ‘necessidade – qualidade – uso’ ocupar a centralidade na reorientação da produção e distribuição socialista, tornando essa relação um critério aplicado em todos os aspectos na nova sociabilidade, inclusive articulando às exigências materiais elementares às dimensões da reprodução cultural.

Salienta também que as forças produtivas já avançaram significativamente, possibilitando tornar o ser humano objetivo maior da produção, mas, para rever o sentido da riqueza e do valor, é

preciso redefinir radicalmente o sentido capitalista de propriedade.

Mészáros interpreta que os seres humanos são peças e engrenagens do mecanismo geral do sistema produtivo capitalista. Nesse sentido, as suas qualidades humanas e os instrumentos (máquinas) têm os mesmos critérios de avaliação para o processo de eficácia na produção. Com o propósito de alcançar maior lucratividade, se opta pelos procedimentos mecânicos, considerados os mais facilmente administráveis.

Igualmente a tarefa da reprodução social e do intercâmbio metabólico com a natureza é definida de modo feitichizada como a reprodução das condições objetivas – alienadas de produção, das quais os seres humanos que sempre padecem nada mais são senão uma parte estritamente subordinada, enquanto um fator material de produção (MÉSZÁROS, 2002, p. 611).

Acrescenta que todas as contradições se tornam agudas no “capitalismo avançado”, ou seja, quanto mais desenvolvido o capitalismo, mais pronunciada a contradição entre trabalho produtivo e não produtivo.

Essa contradição emerge, em primeiro lugar, do caráter explorador do trabalho no processo de produção e da necessidade de encontrar uma forma de controle adequada à perpetuação do capital. Mészáros recorre a Marx para expor essas contradições, compreendidas, por um lado, como um processo social de trabalho para a elaboração de um produto e, por outro, como um processo de valorização do capital.

Nesse contexto, Mészáros advoga que o capitalismo não se sustenta por si mesmo indefinidamente, desmistificando a tese de seus defensores que dizem ser as práticas produtivas do capital eternas, já que, segundo ele, esse modo de produção tem poucos séculos na história da humanidade.

Mészáros sustenta a tese de que o capitalismo está experimentando uma profunda crise, diferente das crises anteriores, as chamadas ‘crises cíclicas tradicionais’.

Trata-se de uma crise estrutural do capital, denunciada nas estratégias de sobrevivência do capitalismo, mediante uma produção altamente destrutiva, desemprego em massa e precarização

do trabalho. Como alternativa, sugere Mészáros uma reorientação socialista, considerada não como uma utopia, mas como uma alternativa viável à superação das contradições do capitalismo. Considera utópicas as soluções testadas pelo capitalismo, que preservam intacto o quadro da desigualdade estrutural. Consistem, segundo ele, em soluções por dentro da ordem do capital para torná-lo mais “humano, democrático e cidadão”.

A crítica socialista ao capitalismo não pode ser formulada com base apenas na perspectiva de retomar as formas de produção anteriores ao capitalismo, pois estas apresentam limitações estruturais que impediriam o atendimento das demandas das necessidades humanas. Defende que torna-se imprescindível, portanto, articular a crítica socialista sobre as relações de valor à afirmação do papel positivo do valor de uso com uma indicação de saídas viáveis das contradições das formas de produção pré-capitalistas. A esse respeito Mészáros (2002, p. 610) afirma;

Não é, portanto, de modo algum acidental que, na teoria de Marx, a maior ênfase na determinação orientadora do valor de uso em uma sociedade socialista futura é inseparável da questão do desenvolvimento em *todos os aspectos das necessidades e capacidades produtivas* do indivíduo social. Tal desenvolvimento apenas é possível na estrutura irrestrita – ou seja, não mais determinada por interesse e conflitos de classes – da “relação universal” do “*intercâmbio universal*” e *capacidades e realizações humanas*, enquanto oposto ao valor de troca *universalmente dominante*.

Em síntese, a tese de Mészáros (2002) é que o sistema *sociometabólico* do capital tornou-se poderoso e abrangente, chegando ao seu limite incontrolável. Assim sendo, o capital se mostra um sistema que não tem limites para sua expansão e como iniciativa para superá-lo seria preciso a eliminação do conjunto dos elementos que o compõem. Todavia, segundo Mészáros, todas as tentativas de superação desse processo, se deram na atual concepção do capital através da social-democracia que assumiu a linha de menor resistência ao capital.

Ao fazer instigantes reflexões sobre a lógica que preside a sociedade contemporânea capitalista, manifestada sobre uma nova roupagem

liberal, global e consensual, Mészáros acredita que, poderemos reverter a barbárie que se anuncia propondo uma nova sociabilidade para além do capital.

Bibliografia

CARCANHOLO, Reinaldo. *A dialética da mercadoria: Guia de Leitura. O Capital: Ciclos, Circulação e Rotação. Roteiro de Estudo. Cadernos ANGE. Textos Didáticos. Nº 4. Espírito Santo: UFES/Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1993.*

MARX, Karl. *O capital. Livro 1, volume I, São Paulo: DIFEL, 1982*

MÉSZÁROS, István. *Para além do capital. Tradução: Paulo César Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo: Editora Unicamp e Boitempo Editorial, 2002.*

_____. *O século XXI: socialismo ou barbárie? São Paulo: Editora Unicamp e Boitempo Editorial, 2003.*

TEIXEIRA, Francisco José Soares. *Pensando com Marx, uma leitura crítico-comentada de O capital. São Paulo: Ensaio, 1995.*